

À Margem do Tempo

Estamos diante de uma instigante série de paisagens criadas através do olhar e das mãos experientes da artista Stella Mariz. As paisagens enigmáticas, ao mesmo tempo dramáticas, entrelaçam o passado, o presente e os sentimentos profundos da artista, incorporando a ideia de simultaneidade de lugares e de múltiplos tempos.

A série nasce em 2014, em viagem à Portugal, terra natal da artista, em que registra exaustivamente ruínas ao longo de um percurso previamente estabelecido. Essa atitude nos faz lembrar as viagens realizadas no século XVIII, conhecidas como “Grand Tour”, na qual estudantes da nobreza italiana terminavam sua formação estudando e desenhando ruínas. Com as ruínas portuguesas fotografadas, a artista retorna ao Brasil e põe-se a fotografar não somente a floresta tropical brasileira, como também extensas vistas, em sua maioria litorâneas, que deixam transparecer o contexto natural e urbano em que se inserem.

Com as imagens em mãos, tem início a criação, na qual a artista borda o tempo e o espaço, por meio da superposição e do entrelaçamento das diversas imagens impressas em tecido sintético, recortadas e costuradas, uma a uma, utilizando manta acrílica e tela de aço para dar volume às paisagens, quase cenográficas. As composições são sobrepostas em telas que são então pintadas, dando vida às fotopinturas. Neste procedimento, as imagens das ruínas portuguesas, tiradas de seu contexto, integram parte da floresta tropical do Rio de Janeiro, ganham volume e destaque e convivem com imagens da paisagem atual da cidade, arrançadas sempre no plano de fundo.

A artista, de forma consciente e hábil, parte da sensação visual rumo ao sentimento; utiliza-se da fotografia na captação da realidade, deixando transparecer seus procedimentos estéticos, elegendo os enquadramentos, os enfoques, a composição e a luz das paisagens. Nos rearranjos formais e intuitivos, alinhava, simultaneamente, distintos lugares, tempos e afetos.

Suas paisagens são capazes de gerar fortes sensações, talvez estranheza, ou um estado de silêncio e solidão, como na categoria de apreciação estética do sublime, tão comum nas pinturas de paisagem do final do século XVIII, início do XIX. Suas paisagens tampouco são pitorescas. Estão impregnadas de um viés irreal ou imaginário, no entrelaçamento de tempos e espaços; nos tecidos vermelhos retorcidos que escorrem das ruínas banhando as paisagens de metáforas do inconsciente; nos reflexos na água de arquiteturas não existentes; na luminosidade chapada das paisagens; e nas sombras que percorrem arquiteturas de forma independente dentro das composições.

www.stellamariz.com
slamariz@yahoo.com.br

CLAC Galeria de Arte

Praça Joaquim Candido, 40
Centro, São João da Boa Vista - São Paulo
CEP 13870-149 Fone: (019) 3623-2708
clac@clacsjbv.com.br

Horário de funcionamento

Segunda à Quinta das 8h às 20h • Sexta das 8h às 18h
Sábado das 8h às 12h • Domingo fechado

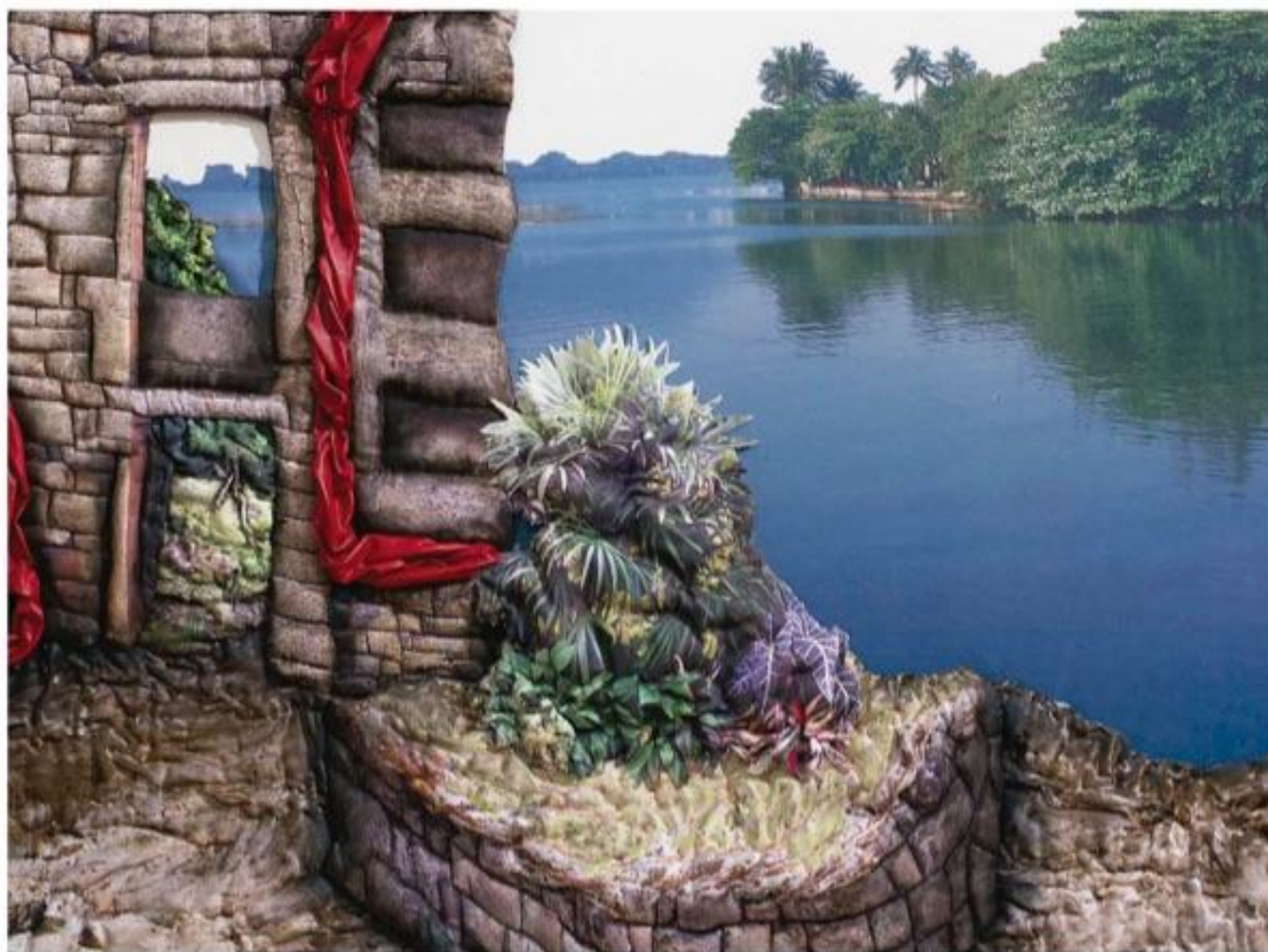
Diretoria:

Fafá Noronha e Vânia Gonçalves Noronha



À Margem do Tempo

Stella Mariz





Convento São Bernardino de Sena - 2016

Técnica mista - Impressão fotográfica em tecido, tinta acrílica, manta acrílica, brim de algodão, tela de aço, costurados em tela sobre chassi.

A presente exposição é fruto de um período em que me aprofundei no estudo da história da pintura de paisagens e a história da manufatura das tapeçarias Gobelains e Beauvais. São releituras que transitam entre a escultura e a pintura.

Cada trabalho é uma conversa entre tempos e espaços. Uma conversa plena de significados e emoções, em que rompo a imobilidade e o silêncio da pedra. Desta ruptura nascem os rios vermelhos que escorrem das ruínas.

As ruínas, nestas composições, são como estados de impermanência, que se contrapõem às paisagens urbanas contemporâneas, não possuindo um tempo definido. Situam-se num vácuo temporal, porque me interessa pensar o presente e o passado não como situações opostas, mas como espelhos. Refletir a memória é pensar o presente. É avaliar a nossa transitoriedade e a nossa instabilidade do momento presente.

Estes trabalhos nasceram em uma viagem à Portugal em que fotografei exaustivamente as ruínas do Castelo de Marialva. Com as fotos em mãos, me propus a relacioná-las ao momento presente. Passei então a fotografar paisagens urbanas, principalmente no Rio de Janeiro, por suas florestas e vegetações. A partir destas fotografias, criei composições como espaços, em que relaciono ruínas e paisagens, ao verde da nossa vegetação tropical.

Ao imprimir estas composições, percebi que a bi-dimensionalidade não me era o suficiente. Faltava o manuseio do trabalho e o volume. Então eu, como escultora que sou a vida inteira, concebi uma técnica em que transformo a bi-dimensionalidade da fotografia em tridimensional.

Esta transformação é feita através da mano-fatura, totalmente feita por mim. Eu imprimo a composição fotográfica, plano a plano em tecido, e o volume é obtido a partir da costura com agulha ou à máquina, utilizando manta acrílica, e quando quero projetar mais ainda o volume no espaço, com tela de aço. A composição é remontada e fixada com costura no chassi. A tinta entra para dar maior profundidade e dramaticidade, aos volumes já existentes.

São trabalhos que são feitos para que o expectador esteja presente. Quando fotografados voltam à bi-dimensionalidade, e quem os observa impressos irá pensar que se trata de pintura.

A partir deste ano passei a compor de maneira a soltar cada plano. Da sustentação do chassi, passei para caixas em que os planos são colocados separadamente. A partir destas caixas fui para o espaço dando lugar à pequenas instalações que ficam suspensas por fios. E destas passei para a instalação inédita que está sendo mostrada nesta exposição.

Stella Mariz



Instabilidade - 2018
Técnica mista - Impressão fotográfica em tecido, tinta acrílica, manta acrílica, brim de algodão, tela de aço em caixa de madeira.